

Finalista do Prémio Goodreads  
para Melhor Livro de Ficção Científica

# O ANO DO ORÁCULO

CHARLES SOULE

O CONHECIMENTO PODE SER  
TÃO PODEROSO COMO FATAL

TOP  
SELER

*Para três mulheres:*

*Mary*

*Amy*

*Rosemary*

*PARTE I*

***OUTONO***

## CAPÍTULO 1

*Tudo pode acontecer, pensou Will Dando. Nos próximos cinco segundos, nos próximos cinco anos. Tudo e mais alguma coisa.*

Inclinou a garrafa de cerveja e bebeu o que restava em poucos tragos. Começou a dedicar-se à tarefa de chamar a atenção do empregado de bar, o que não se afigurava fácil. O bar não estava movimentado quando ele chegara cerca de três horas antes, mas ficara a abarrotar depois de o jogo ter começado: Jets contra Raiders.

Os Jets tinham uma desvantagem de três pontos a pouco tempo do fim do jogo. Will não costumava ligar muito a desporto. Não se lembrava de alguma vez ter visto um jogo de futebol americano de fio a pavio.

No entanto, aquele jogo era diferente. Era importante.

Era importante porque o resultado era uma das 108 coisas que Will sabia e que ainda não tinham acontecido.

O bar não passava de um tasco que ficava perto do apartamento em que ele morava e não tinha nada de especial além do básico que se encontra em todos os bares do mundo: quem ia lá beber, tecnicamente, não bebia sozinho. Will escolhera o segundo melhor lugar da casa — um banco o mais longe da porta possível. Sempre que alguém entrava, o frio extemporâneo de novembro fazia-se sentir com um sopro que varria o bar, agitando as pequenas poças de cerveja derramada e os maços de guardanapos.

O melhor lugar da casa, o banco mais distante da porta e do vento, encontrava-se imediatamente à esquerda de Will. Estava ocupado por uma mulher, que era um verdadeiro encanto, com cabelo cor de

avelã e levemente encaracolado. Parecia ser amiga do empregado de bar. Era, sem dúvida, servida mais rapidamente do que Will, e, em cada três bebidas, duas não eram apontadas. Mas havia muito boas razões para isso, na verdade. Só o cabelo era razão suficiente.

Will tinha ouvido o seu nome — Victoria — e estava a ponderar falar com ela. Na verdade, grande parte das três horas anteriores tinham sido dedicadas a esse pensamento.

O telemóvel tocou. Will olhou para baixo — *Jorge* no ecrã, o que significava trabalho, um trabalho bom. Provavelmente uma festa num espaço sofisticado da Baixa por bom dinheiro. Os trabalhos, por piores que fossem, eram, normalmente, sinónimo de bons momentos. Às vezes, chegavam a ser espetaculares. Jorge contratara Will para desfiles de *lingerie*, festas pós-concertos cheias de pessoas do ramo, trabalho sério em sessões de estúdio e até em algumas bandas de abertura em digressão. Qualquer futuro que Will pudesse vir a ter como baixista com trabalho em Nova Iorque estava direta ou indiretamente ligado a Jorge Cabrera.

Will tocou no ecrã do telemóvel e rejeitou a chamada no exato momento em que o empregado de bar se dirigia finalmente para a ponta do bar em que ele se encontrava.

— Mais uma? — perguntou, apontando para a garrafa vazia de Will.

— Sim — respondeu Will. — Outra igual.

Num impulso, Will virou-se para a esquerda e sorriu para Victoria.

— Bebes alguma coisa?

Pelo canto do olho, Will viu o empregado de bar a parar por um momento quando se debruçava sobre o frigorífico. Talvez fossem mesmo mais do que apenas amigos. E depois?

Victoria virou a cabeça para olhar para Will.

— Ah, obrigada — respondeu, com contida amabilidade e nada mais —, mas eu conheço o empregado de bar. Bebo de graça.

— Claro, está bem — disse Will —, mas... e estou só a pensar alto... uma bebida paga por alguém é melhor do que uma bebida grátis, não achas?

Victoria inclinou ligeiramente a cabeça.

— Deixa estar, obrigada.

Fez questão de voltar a olhar para o televisor, a nega mais expressiva que podia dar sem mudar de lugar. O empregado de bar regressou, empurrou uma base de cartão para a frente de Will e pousou uma cerveja fresca, talvez com mais vigor do que o necessário.

Os Raiders fizeram um *touchdown* e converteram o ponto extra, aumentando a vantagem para dez pontos. Ouviram-se lamentos da maior parte dos espetadores no bar, incluindo de Victoria.

No balcão à frente de Will estava um caderno de apontamentos preto com argolas e a capa ligeiramente dobrada como uma velha carteira de pele. O fundo das páginas apresentava manchas de café, que lhe conferiam um tom castanho e carunchoso. Will passou o polegar por um canto e folheou o caderno. Olhou para o fundo do bar e viu os vários reflexos distorcidos da sua própria cara nas garrafas dispostas sobre a extensa prateleira. Agarrou no caderno e dobrou-o pelos vincos.

Pensou no que sabia e no que podia fazer com o que sabia.

*Disparos no interior da mercearia. A Lucky Corner. Dois seguidos, depois uma pausa, depois mais três, um atrás do outro. Depois, um longo intervalo. O suster da respiração. Decisões a serem tomadas no interior. Mais disparos. Muito barulho. Uma mancha líquida na parte de dentro da janela da frente da mercearia. Escura no centro, com matizes vermelhos nas extremidades, onde não era tão densa e deixava passar a luz do sol.*

Will entreteve-se com o rótulo da garrafa meio vazia e pensou nas cervejas que já tinha bebido. Pensou em boas decisões e em quão difícil poderia ser distingui-las.

Voltou-se de novo para Victoria.

— Adepta dos Jets?

— Sim — respondeu ela, sem desviar os olhos do televisor.

— Queres saber quem vai ganhar este jogo? — perguntou Will.

— Creio que já sei — disse ela.

— Talvez te surpreendas — disse Will. — Os Jets vão ganhar por quatro pontos.

Victoria resmoneou, o que nela não deixou de ter alguma graça.

— Dois ensaios a dois minutos do fim? Vá lá... Talvez seja melhor pedir ao Sam para deixar de te servir.

— Vamos esperar para ver — disse Will.

— E como tens tanta certeza? És o Oráculo?

Will hesitou.

— Exatamente — respondeu.

Victoria tirou finalmente os olhos do televisor.

— Hum, hum — murmurou ela. — Sabes quantas vezes ouvi esse piropo nos últimos meses? Mas estás a usá-lo mal. Tens de prever que vamos acordar juntos amanhã de manhã.

Will esboçou um sorriso.

— Isso não sei. Mas os Jets vão ganhar este jogo.

— Por quatro pontos — completou Victoria.

— Exatamente.

— Se isso acontecer, sou toda tua. Podes levar-me para casa e fazer o que quiseres comigo.

Will arregalou os olhos.

— Hum.

— Não sustenhas a respiração — disse Victoria.

Na posse de bola seguinte dos Jets, na segunda investida, um dos recetores da equipa de Nova Iorque recebeu um passe de quase 30 metros e correu até à área final. O bar entrou em delírio.

Will virou-se para Victoria. Ela estava a olhar fixamente para ele.

— Vês o que eu te disse? — perguntou Will.

— Sim — respondeu Victoria. — Mas ainda estão longe e têm pouco tempo.

— Hum, hum — respondeu Will.

Os Jets converteram o ponto extra e os Raiders reconquistaram a posse de bola.

*Uma mancha escura, vermelha nas extremidades, onde não era tão densa.*

Will levantou-se, pegou no caderno e colocou-o debaixo do braço.

— Onde vais? — perguntou Victoria.

— Volto não tarda nada, não te preocupes. Fizemos uma aposta, lembra-te?

— Lembro-me muito bem.

Will encaminhou-se rapidamente para o fundo do bar. Entrou na casa de banho masculina e fechou a porta. Pousou as mãos sobre a porcelana fria de cada um dos lados do lavatório e olhou para o espelho mosqueado.

À sua frente viu um reflexo sombrio e absolutamente vulgar: a chegar aos 30 anos, desleixado e subempregado. Mas, claro, o hábito não faz o monge. Ele já não era vulgar havia algum tempo.

Mais uma celebração vinda do bar. Will não via o televisor, mas sabia o que tinha acontecido. Os Jets tinham forçado uma perda de bola e corrido com ela para mais um *touchdown*. O bar estava a atingir a loucura e uma jovem lindíssima começava a pensar que talvez tivesse encontrado o Oráculo naquela noite. Ela estava à sua mercê, bem como qualquer outra mulher presente no local. Todo o bar estaria à sua mercê, se ele quisesse. Precisaria apenas de dez palavras com cada pessoa.

Will fechou os olhos. Enrolou o caderno num canudo e apertou-o com ambas as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos.

Boas decisões e más decisões.

— Raios partam — disse ele.

Will apercebeu-se de que deixara o casaco a cobrir o banco em que estava sentado no bar. Estúpido.

Saiu da casa de banho e arriscou dar uma última vista de olhos ao bar. A bela Victoria estava com os olhos pregados no televisor a bater palmas quando os Jets se preparavam para converter o último ponto extra. Iriam consegui-lo. Vantagem de quatro pontos.

O bar tinha uma saída traseira perto da cozinha. Will saiu porta fora, respirou fundo e sentiu o ar a trespassar-lhe os pulmões. Embrenhou-se na noite sem olhar para trás.



## CAPÍTULO 2

Leigh Shore olhou para a salada. Permitia-se alguns excessos. *Croûtons*, queijo, pedaços de frango frito fatiado, o molho bom (a que deviam chamar apenas «creme» e deixarem-se de coisas). Quase 15 dólares de apoio moral num café que lhe permitia construir a sua própria salada. Conseguiu comer cerca de duas garfadas.

Leigh empurrou o garfo para dentro da salada e limpou as mãos com um guardanapo de papel. Amassou-o e pousou-o no tabuleiro. Instintivamente, pegou no telemóvel e deslizou o dedo pelo ecrã. No ecrã, apareceu um tópico do *Reddit* com uma única publicação no topo.

No início da página, duas frases curtas:

O AMANHÃ É HOJE.

EIS O QUE VAI ACONTECER.

Mais abaixo, uma lista: 20 breves descrições de acontecimentos, nenhuma delas com mais do que algumas frases. Cada acontecimento era acompanhado de uma data. As datas abarcavam um período de seis meses. A lista estava espalhada pela Internet — todos os sites agregadores de notícias tinham uma cópia própria, e todos eles contavam com um tópico auxiliar aberto com milhares de comentários — mas a publicação do *Reddit* foi a primeira a apresentar a lista por meio de uma hiperligação para um site de armazenamento de texto publicado anonimamente.

O Site. Toda a gente sabia o que significava quando era referido.

Leigh deslizou o dedo pelo ecrã até chegar ao fundo da lista. Nada mudara nos últimos cinco minutos desde a última vez que fizera a mesma ação. Levantou a cabeça. No café, cerca de oito em cada dez pessoas estavam a olhar para o telemóvel. Viu o Site em pelo menos dois ecrãs na sua linha de visão naquele exato momento.

Leigh fechou a janela do *Reddit* e abriu o e-mail. Nada. Ou, pelo menos, não a mensagem que esperava.

Hesitou, franziu o sobrolho e abriu um novo documento no ecrã — um artigo, o artigo dela — com cerca de 3000 palavras, bem complementado com imagens, hiperligações... tudo o que os criteriosos leitores do *Urbanity.com* esperavam do conteúdo do site.

O artigo era sobre o Site. Leigh podia ter escolhido o que quisesse. Mas o Site era... fascinante. Desde que aparecera, parecia ser a única coisa que interessava verdadeiramente. O único quebra-cabeças que valia a pena resolver.

Estava numa fila no Starbucks quando o telemóvel vibrou com uma mensagem — uma hiperligação, enviada por uma amiga, Kimmy Tong. Abriu a hiperligação sem perceber porque é que Kimmy achava que valia a pena. Fez o pedido ao balcão, pesquisou um pouco no *Google* enquanto esperava pelo café com leite, percebeu o que o Site declarava ser na realidade e ficou apenas... a olhar para ele. A lê-lo uma e outra vez. Não ouviu o seu nome quando o empregado a chamou até ao momento em que ele o gritou quase ao seu ouvido com o tom mais desagradável que conseguiu.

O Site chegou ao conhecimento das pessoas tão rapidamente que parecia um óvni a descer sobre Washington. De um dia para o outro — no que, na sua memória, parecia ter sido uma hora —, tornou-se a única coisa de que toda a gente falava.

Vinte acontecimentos, todos acompanhados de datas. Os primeiros dois já se tinham verificado quando o Site se tornou viral, mas todos os outros estavam previstos para o futuro. Desde então, já tinham passado mais quatro datas da lista e todos os eventos

referidos no Site tinham acontecido exatamente como descrito. Ou, mais precisamente, previsto... por uma pessoa, uma presença, um supercomputador ou um extraterrestre anónimo que ficara conhecido como «Oráculo», da mesma forma que o site se tornara «o Site».

Leigh continuou a ler o texto do artigo que tinha escrito, fazendo uma última revisão para ver se tudo fazia sentido e não havia gralhas. Tinha decidido escrever sobre o Oráculo precisamente porque o tema já tinha sido exaustivamente coberto. Um princípio estratégico. Se ela pudesse apresentar novos ângulos, novas interpretações, seria quase mais impressionante do que escrever sobre algo menos familiar.

Pensou que talvez tivesse conseguido atingir os seus intentos — tinha procurado entrar na cabeça do Oráculo de uma forma que a maioria dos artigos não parecia ter tentado, ignorando qualquer discussão sobre o efeito das profecias do Site no mundo e focando-se mais na forma como poderiam afetar o profeta. Pelo menos, era esta a ideia. Já tinha lido a matéria demasiadas vezes para ter a certeza absoluta do tema que tratava, mas as intenções eram boas.

Leigh escrevia no Urbanity.com sobre «cultura urbana», o que, na prática, significava elaborar listas de espaços noturnos e de espetáculos em Nova Iorque, de querelas entre celebridades e dos melhores *bagels* em Brooklyn, com vista a atrair cliques para o site. Na verdade, o Urbanity produzia algumas reportagens sérias — não muitas, mas algumas, em algumas das outras secções —, e o artigo de Leigh sobre o Oráculo era uma espécie de teste para poder transitar para esse lado mais sério.

Leigh voltou ao e-mail: ainda nada. Franzuiu o sobrolho, frustrada. Depois tocou com o dedo no ecrã do telemóvel algumas vezes e publicou o artigo, que ficou disponível para os vários milhões de leitores do site. Os dados estavam lançados.

Levantou-se e despejou o conteúdo do tabuleiro no caixote do lixo, contraindo-se ligeiramente perante o desperdício de comida. Foi a pé para o escritório, a dois quarteirões de distância, com um nó a apertar-lhe o estômago.

O Urbanity ocupava dois pisos de um edifício anódino no cruzamento da Fiftieth Avenue com a Third Avenue: o sexto andar, composto por um escritório subdividido em cubículos com salas de reuniões de ambos os lados, e o décimo primeiro, onde estavam situados os escritórios dos executivos.

Leigh sentou-se à secretária e olhou para o pequeno espelho pendurado numa das paredes do seu cubículo. A relação que tinha com a sua imagem estava a evoluir de forma frustrante à medida que se aproximava dos 30 anos. Cada vez que olhava para o espelho, sustentava ligeiramente o fôlego. Não sabia o que esperava ver — talvez algum eco do rosto da mãe: manchas brancas no cabelo ou rugas a espalhar-se pela pele escura em volta dos olhos.

*Porque é que fizeste isso?*, perguntou a si própria.

Tinha um emprego em Nova Iorque, vivia da escrita, estava a dar uso à formação em jornalismo. Mais ou menos. Conseguia pagar as contas com pequeníssimos ajustes todos os meses e humildes telefonemas para casa. Uma parte significativa dos seus amigos não conseguia chegar perto desse estado de coisas.

*Então porque é que acabaste de fazer isso?*, repetiu para si própria.

Uma cabeça assomou por cima da divisória do cubículo de Leigh. Era Eddie, um dos fotógrafos da empresa. A chegar à meia-idade sem dar grande luta ao avançar dos anos e muito bom no que fazia. Eddie tirara algumas das fotografias do artigo de Leigh sobre o Site e ajudara-a a compô-lo.

Estava a sorrir.

— Acabei de ver que o teu artigo foi publicado, Leigh. Ainda bem para ti. Eu disse-te que era consistente. Falaram contigo sobre passares para as Notícias ou foi um caso único? Seja como for, desde que eu estou aqui, raramente os vi a aceitarem trabalho de pessoas de outras secções. Devias estar orgulhosa por teres recebido luz verde.

Leigh olhou para ele sem dizer nada. Os olhos de Eddie fecharam-se ligeiramente.

— Não fizeste isso — disse ele.

A verdade essencial para Leigh Shore era esta: nada era menos interessante para ela do que o que ela já tinha. E nada era mais interessante para ela do que o que alguém lhe dizia que ela não podia ter. Algo que ela tinha percebido havia muito anos, mas que não era capaz de mudar, apesar das oportunidades, das relações de longa data e da felicidade geral que perdia por essa razão.

— Estava cansada de esperar, Eddie. Enviei-lhes o artigo por e-mail há mais de uma semana e nem sequer me responderam. Tu sabes do que eu sou capaz, não sabes? Acabaste de o dizer. Tinha de lhes mostrar alguma coisa. Ando a pedir uma mudança de funções há quase dois anos, e eles continuam a mandar-me para aberturas de espaços noturnos da treta e coisas assim. Quando saírem, as estatísticas sobre este artigo falarão por si. É verdade que talvez seja um pouco arriscado, mas...

Eddie expirou ruidosamente, mais um regougo do que um suspiro.

— Sabes que este site é propriedade de um conglomerado multinacional de entretenimento, não sabes? Não podes simplesmente... publicar coisas. Não é o teu *Tumblr*. Há pessoas que são processadas por este tipo de coisas, Leigh, e, sobretudo, despedidas.

Eddie virou costas.

— Vou verificar o raio do artigo e rezar para que não me tenhas incluído na ficha técnica.

Leigh abriu a boca e esteve quase a dizer que iria tirar a publicação do site do Urbanity. Mas de que é que adiantaria? Já estava online.

A primeira previsão a acontecer quando as pessoas já estavam atentas foi a que indicava que no dia 8 de outubro iriam nascer 14 bebés no Hospital Northside General, em Houston, 6 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Uma previsão completamente correta, embora a última criança tenha nascido a dois minutos da meia-noite e a mãe fosse uma mulher que chegara ao hospital meia hora antes. Nem sequer vivia naquela zona: estava a passar de carro com o marido.

Um evento difícil de encenar, o que não impediu os céticos de avançar com todo o tipo de formas de o fazer nos blogues e fóruns de Internet. A teoria mais popular era a de que a CIA era responsável pelo Site e tinha induzido o parto de algumas mulheres em instalações secretas próximas do hospital. Preparou-as como se de éguas de reprodução se tratasse para se certificar de que tudo corria como planeado e enviou a última mãe para o hospital um pouco antes da meia-noite.

A CIA trabalhava exclusivamente fora dos Estados Unidos, o parto induzido estava longe de ser uma manobra precisa que pudesse ser executada ao segundo e não havia razão para uma mulher concordar com tal procedimento. E... e... e..., mas nada disso importava.

A previsão seguinte tinha data prevista para cerca de duas semanas depois dos nascimentos:

O AVIÃO 256 DA PACIFIC AIRLINES PERDE PRESSÃO NA CABINA AO PREPARAR A ATERRAMENTO EM KUALA LUMPUR. EMBORA A AERONAVE ATERRAR EM SEGURANÇA, 17 PESSOAS FICAM FERIDAS. NÃO HÁ NENHUMA VÍTIMA MORTAL.

Mais uma vez, o Site acertou em cheio. Uma ave embateu numa janela, que estava fragilizada devido à falta de manutenção e estalou o suficiente para provocar uma fuga. Ficaram feridas exatamente 17 pessoas, nem mais nem menos. E até isto podia ter sido falseado, de acordo com algumas pessoas, mas, desta vez, o mundo estava muito menos inclinado para levar os autores das teorias de conspiração a sério, dado que o evento tinha sido registado em vídeo.

Um grupo de indonésios cheios de iniciativa levou uma câmara para o aeroporto e filmou o avião quando este se preparava para aterrar. O vídeo foi colocado online ao fim de poucas horas e mostrava claramente o bando de aves a entrar no plano. A maioria desviou-se à última hora. Algumas não o fizeram. Quando se começou a pedir às pessoas que acreditassem que a CIA tinha desenvolvido

a capacidade de comandar as aves à distância e, de alguma forma, preparar o avião para que apenas 17 pessoas ficassem feridas, tornou-se mais fácil acreditar simplesmente que o Site era autêntico.

Havia alguém algures que era capaz de prever o futuro. O Oráculo.

A maioria dos grupos religiosos denunciou o Site ou ignorou-o de forma explícita. Alguns acolheram-no. Os políticos e comentaristas não tiveram dificuldade em incorporar o Site na sua retórica. O Oráculo recebeu convites para os eventos mais exclusivos, ofertas de favores sexuais, pagamentos e emprego, mas, tanto quanto foi do conhecimento público, todas as ofertas foram ignoradas.

Apareceram modas baseadas no conteúdo das previsões — o leite achocolatado era a bebida preferida por crianças e adultos devido a:

24 DE ABRIL: A SRA. LUISA ALVAREZ, DE EL PASO, NO TEXAS, COMPRA UM PACOTE DE LEITE ACHOCOLATADO, UMA BEBIDA QUE NÃO PROVAVA HÁ 20 ANOS, PARA VER SE AINDA GOSTA TANTO DO SABOR COMO QUANDO ERA CRIANÇA.

Todos os empregados de bar do país aprenderam a fazer «queimaduras»: leite achocolatado, licor de amêndoa e vodca.

E, como o Oráculo não se dava a conhecer, o público satisfazia-se com as pessoas mencionadas nas previsões. Luisa Alvarez fora nomeada porta-voz da Hershey. Parecia apreciar deveras os holofotes até ao dia em que um fanático anónimo a tentou assassinar num evento de imprensa. O motivo do putativo assassino: impedir que a previsão do Oráculo se concretizasse. «Salvar o mundo» da influência perniciosa do falso profeta.

Luisa fora colocada sob forte segurança depois do sucedido, as aparições públicas foram severamente reduzidas. A Hershey não queria que nada prejudicasse a sua capacidade de comprar o leite quando o grande dia chegasse.

Segundo o grupo Anonymous e as várias organizações de pirataria que tinha como aliadas, o Site tinha sido criado por meio de

ferramentas de anonimização simples e já existentes que, na prática, garantiam que ninguém além do Oráculo podia saber quem era o Oráculo nem divulgar novas previsões. O veredito que apresentavam: quem quer que tivesse configurado o sistema do Oráculo era extremamente versado nos meandros da segurança de dados moderna. Não tinham muito a dizer além disto.

Os mercados mundiais sofreram uma série rocambolesca de altos e baixos. O resultado da eleição presidencial que se avizinhava passou subitamente a estar em dúvida quando Daniel Green, o titular do cargo, não foi capaz de falar com clareza nas primeiras oportunidades que teve para comentar o que o surgimento do Site significava para o país.

Não havia respostas — nada a não ser a esperança de que, em algum momento tudo viesse a fazer sentido. Havia, claramente, um plano em marcha, mas ninguém sabia responder às perguntas fundamentais: o quê, como, onde, quando... e, sobretudo, porquê. Era preciso esperar.

Leigh recostou-se na cadeira a ler as últimas linhas do seu artigo. Era melhor do que ela se lembrava. Não era perfeito, mas pelo menos era tão bom como a maioria dos que o Urbanity publicara na que era considerada a sua secção de notícias. Eddie não tinha com que se preocupar.

Um toque — uma mensagem a cair na sua conta de e-mail. Leigh abriu-a:

De: jreimer@urbanity.com

Suba, por favor.

Reimer

Leigh ficou a olhar para o ecrã durante cerca de dez segundos. Esticou a mão devagar e clicou no rato para minimizar o programa



de e-mail e revelar o navegador que estava escondido atrás dele. Com a página aberta no Site. Como não podia deixar de ser.

Instintivamente, a mão de Leigh mexeu-se. Clicou no botão para atualizar a página, embora se tenha encolhido um pouco por dentro ao fazê-lo. O Site nunca se alterava.

Mas alterara-se.

No fundo da página, depois da última previsão, apareceram sete palavras novas:

ISTO NÃO É TUDO O QUE SEI.

Mais abaixo, um endereço de e-mail.

## CAPÍTULO 3

«DIGA-ME, POR FAVOR, QUANDO VAI VOLTAR O MEU PAI.»

«DEUS VAI PUNIR-TE, DEMÓNIO. O REVERENDO BRANSON DIZ...»

«COMBIEN D'ANNÉES JUSQU'À CE QUE LA FRANCE GAGNE LA COUPE DU MONDE?»

Will voltou a pousar a folha de papel em cima de uma das três pilhas de papéis encostadas à parede do apartamento onde vivia, cada uma das quais com um metro e vinte de altura. Milhares de páginas no total. Todas as folhas estavam densamente cobertas por texto em letra pequena de ambos os lados. Tratava-se, sobretudo, de perguntas para o Oráculo. Desde que o endereço de e-mail fora publicado no Site, tinham chegado milhões de mensagens, que podiam ser divididas em variações de três perguntas:

*Conseguirei o que quero?*

*Como posso conseguir o que quero?*

*Porque não consigo o que quero?*

As primeiras cem mil, mais coisa menos coisa, tinham sido impressas e encontravam-se empilhadas entre alguns dos estojos de instrumentos de Will — baixos e guitarras em pé a proteger as perguntas como sentinelas.

— Não leias mais, Will — dizia uma voz atrás dele.

— Eu sei. Não é fácil — disse Will.

Will abriu um dos estojos e retirou um baixo *Fender Precision* muito batido. Colocou a correia ao pescoço e virou-se para o resto da sala. Não havia muito para ver — mobília de sala usada à volta de uma mesa de centro, que encontrara no lixo e cujo tampo parecia um espirógrafo, tantas eram as marcas redondas de bebidas e os longos e sinuosos riscos que se interligavam. O resto do apartamento estava atulhado de parafernália variada. Instrumentos, suportes de partituras, cabos cuidadosamente enrolados, pedais de efeitos, um pequeno conjunto de equipamentos de produção digital. Era mais um armazém do que uma habitação.

Sentado no único cadeirão do apartamento estava Hamza Sheikh. Olhos sorridentes, cabelo bem aparado, dentes extremamente brancos.

— Já nenhuma dessas perguntas interessa — disse Hamza. — Temos o que queríamos deles. Isso não passa de ruído.

— Aposto que interessam para as pessoas que as fazem — disse Will.

— És capaz de responder a alguma?

— Nem por isso.

— Então não tens de te sentir culpado. Essas perguntas nunca tiveram resposta. Não te atormentes só porque as pessoas querem saber coisas.

— Isto não é algo lógico. — disse Will. — É... sinto-me mal com isto, mais nada. Estamos a dar esperança às pessoas com algo que eu sei que nunca vamos cumprir.

Hamza voltou a olhar para o computador portátil aberto na mesa de centro, ao lado de pilhas de papel desgovernadas, dossiês cheios de investigação por ele reunida sobre pessoas com quem se aprestavam a falar, folhas de cálculo.

— Põe a cabeça no lugar — disse Hamza, enquanto digitava alguns números atualizados numa das tabelas no ecrã. — Este é o dia mais importante de ambas as nossas vidas. Se conseguirmos fazer isto, podes ajudar quem quiseres. Fica à vontade, meu.

Will começou a tocar uma linha de baixo no instrumento pendurado a tiracolo — um padrão repetitivo de quatro notas.

— Eu conheço essa — disse Hamza, sem desviar os olhos das teclas. — Como é que se chama?

— The O’Jays — respondeu Will. — *For the Love of Money*.

— Sim, é isso mesmo — disse Hamza. — A minha canção preferida. Chega cá. Está quase na hora.

Will dirigiu-se para o sofá e sentou-se. Tirou a correia do baixo dos ombros e encostou o instrumento às almofadas. Desviou uma das pilhas de papel da mesa de centro, que tapava o seu próprio computador portátil — quase tão maltratado como a própria mesa — e o caderno de apontamentos do Oráculo.

Will levantou o ecrã do computador, depois pegou no caderno de apontamentos e levantou-o para o mostrar a Hamza, como um pastor mostra a Bíblia aos acólitos numa cerimónia do despertar.

— Antes de fazermos isto — disse Will —, vamos rever todos os passos. Uma última vez.

Baixou o caderno de apontamentos e dobrou a capa com as mãos.

— Achas mesmo que isto... que é isto? — continuou. — A razão pela qual recebi estas previsões? Só... dinheiro?

Hamza tirou as mãos do teclado e soltou um longo suspiro.

— Muito bem, Will. Uma última vez.

Levantou os olhos e olhou diretamente para Will.

— Temos aqui uma oportunidade como nenhuma outra que eu tenha visto na vida. Tão grande que eu deixei o meu emprego para te ajudar, um emprego num banco de investimento que, num ano mau, me rendia 250 mil dólares com bonificações. Tão grande que eu tenho andado a mentir à minha mulher sobre a razão por que o fiz. E nem vou aludir ao facto de sermos os melhores amigos um do outro há mais de dez anos e de que esperava que houvesse mais confiança nesta situação.

— Hamza, vá lá, não é... — começou Will. Hamza levantou uma mão e Will parou a meio da frase.

— Também não te vou lembrar de que precisas disto muito mais do que eu. Não vou dizer nada disto porque, como teu bom amigo, seria indelicado. No entanto...

Hamza esticou-se para pegar no caderno de apontamentos e Will puxou-o para trás. Uma pausa, enquanto ambos processavam aquele reflexo inusitado. Hamza baixou a mão devagar sem deixar de olhar para Will.

— É assim — disse com a voz calma. — Tens as previsões. Confiaste em mim o suficiente para me falares delas. Estivemos muito tempo a falar sobre o que deveríamos fazer com elas. Foi esta a conclusão a que chegámos, e vai mudar ambas as nossas vidas para sempre. Para todo o sempre.

» Não recebeste instruções. Não recebeste regras. Se encontras uma nota de 20 dólares no passeio, terá sido por alguma razão? Estás obrigado a fazer isto ou aquilo com esse valor? Nem pensar. É tua. Fazes o que quiseres com ela.

— Olhas sempre para o lado financeiro — disse Will.

— Isso não tem nada de mal. Na verdade, é bo... — Hamza deteve-se e abanou a cabeça. Fechou o computador portátil com estrondo, o que fez a mesa de centro abanar de novo.

— Sabes que mais? — disse ele, ao levantar-se. — Esquece isso. Vamos acabar com o Site. Vamos simplesmente... argh.

Will ficou a olhar para Hamza, que não parava quieto na sala. Não tinha muito espaço para deambular — andava da porta de entrada até à porta da casa de banho, passando por uma cozinha que mais parecia uma cabina telefónica. Eram quatro passos para cada lado.

— Estás a ficar com medo agora, quando em, oh...

Hamza tirou o telemóvel do bolso e olhou para as horas. Depois levantou-o para que Will pudesse ver.

— ... sete minutos, tudo aquilo para que temos vindo a trabalhar virá parar diretamente às nossas mãos?

Hamza enfiou o telemóvel no bolso novamente.

— És um gajo sem futuro, desculpa que to diga, e depois és literalmente presenteado com o futuro, mas as possibilidades que isso te abre assustam-te — disse Hamza. — Quer dizer... é algo tremendo, sem dúvida, mas significará isso que não deves fazer nada? Que deves ignorar? Fazer de conta que não sabes as coisas que sabes? Quer dizer... que merda é esta, pá?

Will olhava para o amigo a deambular pela sala.

— Estás tão nervoso como eu, não estás? — perguntou.

Hamza parou, depois deixou-se cair no sofá novamente e esfregou a cara com uma mão.

— Pff — suspirou.

— Tu não estavas na Lucky Corner — argumentou Will. — Aconteceu antes de eu te dizer que era o Oráculo. Não sabes até que ponto esta merda pode dar para o torto. Eu sei. Assim que pões esta informação no ar... assim que a libertas... só podes ficar ali sentado a ver o que acontece, sabendo que foste tu o responsável. Tudo o que acontece depois é culpa tua.

Hamza suspirou.

— Eu sei, meu. É assim. Ainda podemos mudar o rumo deste navio se o fizermos agora. Daqui a cerca de 20 minutos deixaremos de ter essa opção. As previsões chegaram-te a ti, não a mim. Não vou insistir. Se quiseres parar, paramos. Não te preocupes com isso. Eu posso arranjar outro emprego. E tu...

Hamza apontou para o decrepito e caótico apartamento de Will.

— Tu ainda terás isto tudo.

Will pousou a mão aberta sobre o caderno de apontamentos para sentir a capa de cartão sob os dedos. Não o sentia quente. Não o sentia vivo, embora o estivesse, à sua maneira, claro.

Ficou sentado, a pensar, durante o que pareceu ser muito tempo. Tentou pensar em tudo, da mesma maneira que o tentara mil vezes antes, chegando, como sempre, à conclusão de que era demasiado ambicioso.

Deixou que a cabeça se esvaziasse. Abriu a boca, curioso para ver o que iria dizer.

— Sim. Vamos a isso — disse ele. — Diz-me novamente com quem vou falar.

— Certo — disse Hamza, abrindo o computador. — É um fundo de cobertura. Starrer, Wern, Bigby and Greenborough. Gerem ativos avaliados em aproximadamente 35 mil milhões de dólares e investem numa ampla variedade de interesses: de farmacêuticas à nanotecnologia, passando pela agricultura.

» O que isso quer dizer, Will, é que, embora não saibamos o que é que a SWBG te vai perguntar, sabemos que dirá respeito a uma área geral.

— Dinheiro — disse Will.

— Sim. E não vão ser dóceis. É possível que tentem intimidar-te. É assim que eles trabalham. Mas lembra-te de que não há nada que te possam realmente fazer.

» De certeza que hão de ameaçar processar-te, mas não interessa. Não fazem ideia de quem és nem de onde estás. Vão estar a falar com o Oráculo. Nunca ouviram falar de Will Dando e nunca irão ouvir.

Hamza franziu o sobrolho.

— Partindo, claro, do princípio de que as Senhoras da Florida não deram cabo da segurança deste programa de troca de mensagens que prepararam para nós.

— Não, isso não — respondeu Will. — As Senhoras sabem o que estão a fazer. Além disso, com o que estes tipos do fundo pagaram para falar comigo, a última coisa que quererão fazer é tentar algum tipo de pirataria e assustar-me.

— Certo, certo — disse Hamza, levantando a mão para lhe dar razão.

Will abriu o computador portátil. O programa de troca de mensagens já estava aberto e ativo. Nada muito elaborado, apenas comunicação não rastreável, só de texto, a correr num navegador Tor através de algum tipo de canal na *Deep Web*.

— Pronto, tudo a postos, mas eles ainda têm alguns minutos — disse ele. — Podes dar uma vista de olhos no dinheiro? Para ter a certeza de que não voltaram atrás?

Hamza teclou rapidamente no seu computador e, no ecrã, apareceu o resumo da conta de um banco nas Ilhas Caimão.

CONTA N.º 521J8549UIP000-LF8

SALDO CONGELADO: 10 000 000 DÓLARES

— Continua lá — disse Will. — Céus.

— Continua lá — repetiu Hamza. — O banco irá descongelá-lo e colocá-lo à nossa disposição daqui a cerca de três minutos.

— A menos que algo corra mal.

— Nada vai correr mal. Assim que for descongelado, é nosso, independentemente do que aconteça.

Will sorriu.

— Fácil — disse ele.

Hamza assentiu com a cabeça.

O computador de Will fez um sinal sonoro e o sorriso que ele tinha no rosto desapareceu.

— Merda, são eles — disse.

— Muito bem — disse Hamza —, estás pronto?

Will olhou para o ecrã. Estalou os nós dos dedos e pousou as mãos sobre o teclado.

— Pronto — respondeu.

Apareceram palavras no ecrã.

**SWBG:** É o Oráculo?

**Oráculo:** É, sim.

**SWBG:** Vamos precisar de provas antes de autorizarmos o descongelamento dos fundos.

**Oráculo:** Não. Descongelem os fundos agora ou vamo-nos embora. Têm 30 segundos.

Will olhou para Hamza.

— Fiz o ultimato — disse ele. — Trinta segundos. Avisa-me.



Hamza olhou fixamente para o ecrã enquanto roía a ponta do polegar. Os segundos passavam.

Will esticou o dedo em direção ao teclado, hesitou e recuou. Se não resultasse... ele não conseguia ver-se a ter coragem para tentar de novo, independentemente do que Hamza pudesse dizer.

— Fizeram o pagamento — disse Hamza. — Transferência concluída.

Todo o corpo de Will vibrou como uma corda bem dedilhada. A sua parte era de cinco milhões de dólares, independentemente do que viesse a passar-se a seguir.

— Muito bem — disse ele, colocando as mãos sobre o teclado. — Vamos fazer por merecê-lo.

O banco falou primeiro:

**SWBG:** Recebeu dez milhões de dólares da nossa parte. Se o nosso cronómetro de dez minutos já começou a contar, informamos que intentaremos uma ação judicial em caso de falta de resposta.

— Estes gajos são uns imbecis — disse Will.

— O que é que eles estão a fazer?

Hamza começou a levantar-se para ver. Will acenou para que voltasse a sentar-se.

— Estão a ameaçar processar-me. Imbecis. Eu vou ler as perguntas em voz alta à medida que as enviem.

Hamza estalou os nós dos dedos e pôs os dedos sobre o teclado.

«Estão a falar com o Oráculo. A entrevista começa agora», escreveu Will.

Hamza clicou no cronómetro e a contagem decrescente de dez minutos começou. Quase de imediato, apareceu a primeira pergunta.

**SWBG:** As reformas do Medicare descritas na Lei n.º 2258 da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos vão ser aprovadas pelo Congresso e pelo presidente?

Will sorriu.

**Oráculo:** Não faço ideia.

**SWBG:** Como e em que data irão morrer as seguintes pessoas: James Starrer, Joseph Wern, Eduard Bigby e Ira Greenborough?

— Hum... — murmurou Will. — Sinistro.

— O quê? — perguntou Hamza.

— Querem saber quando vão morrer.

— Sim. Sabes?

Will hesitou ao sentir Hamza a olhar para ele e não queria, ele próprio, olhar para o caderno de apontamentos.

— Não — disse ele.

**SWBG:** Em que data e hora irá o índice Dow Jones Industrial Average superar os 20 mil pontos?

**Oráculo:** Não sei.

Will digitou a resposta, voltou a digitá-la e digitou-a de novo depois de cada pergunta que aparecia no ecrã, arrependido por não a ter copiado para a área de transferência.

— Céus, devem estar fulos — gritou para Hamza. — Dez milhões de dólares para uma mão cheia de nada. Estás a perceber alguma coisa do que estão a perguntar?

— Montes de coisas — respondeu Hamza, que escrevia notas para ele próprio no computador e remexia incansavelmente nos papéis. — Eles estão a dar-me todas as indicações possíveis, a dizer-me onde estão a pensar investir. Basta usar esta pergunta sobre o Medicare para transformar os nossos dez milhões em cem milhões, pelo menos.

— Explicas-me depois — disse Will. — Quase tenho pena de...  
Parou de falar enquanto olhava para o ecrã.

**SWBG:** Tem alguma informação sobre a produção de citrinos na Florida na colheita deste ano?

— Alto, espera, eu sei responder a esta. Tiveram sorte — disse Will. — Quanto tempo têm? Um ou dois minutos?

— Quarenta e cinco segundos, na verdade.

— Está bem. Vou escrever depressa — disse Will.

Como todas as outras vezes em que Will se lembrava de uma previsão, esta era completamente clara. Conhecia todas as palavras, como se o caderno de apontamentos estivesse aberto à frente dele. Começou a escrever.

**Oráculo:** Condições climatéricas pouco habituais irão provocar uma vaga de frio muito tardia que afetará uma grande parte do sudeste dos Estados Unidos. Esta vaga de frio terá consequências graves nas culturas agrícolas da Florida. A vaga de frio acontecerá a...

— Para — disse Hamza.

Will levantou a cabeça.

— Já está?

— Dez minutos certos.

— Ah — lamentou Will, que tirou as mãos do teclado e olhou para Hamza. — Só consegui responder a uma das perguntas que fizeram e nem essa respondi até ao fim. É pena.

Hamza esboçou um sorriso.

— Não, meu caro, não é pena nenhuma! Eles sabem o que combinámos. Não fizemos promessa, e, seja como for, eles ganham dez milhões de dólares por dia. O que importa? Além disso, se quiserem mais tempo, podem comprá-lo. Mais dez milhões compram mais dez minutos.

— Acho pouco provável — disse Will. — Tu comprarias, depois disto?

— Quem sabe? Esta gente não pensa como nós.

— Tu não és um deles? — perguntou Will. — Uma espécie de grande e poderoso banqueiro.

— Já não. Demiti-me, lembra-te? Agora sou apenas um homem de negócios independente. Uma parte da espinha dorsal desta grande nação.

**SWBG:** Gostaríamos de comprar mais dez minutos. Os fundos estão a ser transferidos para a sua conta neste momento. Por favor, conclua a sua resposta à pergunta sobre a produção de citrinos na Florida.

Will olhou para o ecrã. Esticou os braços e escreveu.

**Oráculo:** A vaga de frio acontecerá no dia 23 de maio. As temperaturas abaixo da média manter-se-ão durante aproximadamente uma semana. A produção na Florida será 40 por cento mais baixa do que é habitual.

**SWBG:** Não tem mais nenhuma informação sobre este evento?

**Oráculo:** Não.

Will esperou. Pela primeira vez desde que a troca de mensagens começara, não houve imediatamente uma pergunta de seguimento. Will olhou para Hamza, que o fitava com uma expressão de estranheza.

— Uma das tuas previsões era especificamente sobre o clima na Florida em maio e sobre como irá afetar o número de laranjas no supermercado? — perguntou Hamza.

Will assentiu com a cabeça.

— E não só estes tipos fizeram, por acaso, uma pergunta cuja resposta exigiria esse conhecimento específico, como a perguntaram no preciso momento em que teriam de comprar mais algum tempo connosco?

Will encolheu os ombros.

— Tenho vindo a fazer perguntas como essa a mim mesmo desde que tive o sonho, Hamza. Estou mais do que surpreendido neste momento.

Mais palavras no ecrã.

— Muito bem, cá vamos nós! — gritou Will. — É a tua vez, Ham.

— Estou pronto — retorquiu Hamza, muito focado, sem tirar os olhos do computador.

**SWBG:** É possível que esta informação não seja divulgada a terceiros?

**Oráculo:** É, sim.

**SWBG:** Em que termos?

Hamza inclinou-se para a frente para pegar num dos dossiês na mesa de centro. O joelho tocou na borda e a mesa acabou por se desmoronar, espalhando folhas de cálculo, fotocópias e computadores portáteis por todo o chão da sala de Will como uma onda se espalha pela areia.

— Foda-se — disse Hamza de forma muito deliberada.

Will ignorou-o e escreveu no computador.

**Oráculo:** Façam-me uma oferta. O cronómetro com o tempo restante do vosso período de audiência será colocado em pausa durante as negociações.

**SWBG:** Que garantias temos de que a informação não será vendida a outros a partir do momento em que adquiramos os direitos exclusivos sobre ela?

Will estava preparado. Parecia provável que esta pergunta viesse a surgir.

**Oráculo:** A minha palavra. E a certeza de que se não chegarem a acordo connosco, não deixaremos de vender esta informação de novo se aparecer outro comprador.

Will levantou as mãos do teclado e teve outra ideia.

**Oráculo:** Ou poderei publicá-la no Site. Os senhores compraram o direito de saber que a vaga de frio na Florida ia acontecer, não o direito de propriedade da informação. Se desejam exclusividade, digam-nos quanto pretendem pagar por ela.

Uma pausa demorada do outro lado do ecrã. Will imaginou cálculos frenéticos na sala de reuniões dos donos do Universo, a pairar algures sobre uma cidade qualquer, ocupada por homens velhos em fatos caros, que ele via como uma espécie de búbios humanos. Atrás dele, conseguia ouvir Hamza a folhear rapidamente os papéis no chão enquanto praguejava consigo próprio.

**SWBG:** Vamos pagar-vos mais dez milhões de dólares pelos direitos exclusivos sobre esta informação.

— Dez milhões — gritou Will para Hamza. — É uma boa oferta.

— Nem pensar — disse Hamza, sentado no chão com dois punhados de folhas de cálculo nas mãos. — Ainda não acabei, mas

posso dizer-te que estes gajos estão fortemente empenhados na agricultura da Califórnia. O que achas que cultivam por lá?

— Laranjas?

— Laranjas, toranjas, tângeras, é só escolher. E se as coisas correrem mal na Florida este ano, a Califórnia vai subir por aí acima. O que significa que as empresas que têm em carteira vão ganhar muito dinheiro com isto. Além disso — continuou Hamza, brandindo mais uma folha de papel —, já se ouvem rumores de que este fundo também está a tentar investir na produção da Florida. Se houver uma vaga de frio, haverá muitos produtores afetados a quererem vender tudo. Em suma, estes tipos obtêm uma posição muito firme no mercado da Florida por pouco dinheiro.

— Muito bem — disse Will. — Troca-me isso por miúdos.

— Trocando por miúdos, isto significa que a SWBG irá provavelmente ganhar cerca de mil milhões de dólares apenas por ter conhecimento desta vaga de frio na Florida antecipadamente — concluiu Hamza. — Como tal, vai ter de pagar bem mais do que dez milhões de dólares pela informação.

Hamza pegou num lápis e começou a escrevinhar nas folhas de papel mais próximas, balbuciando para si próprio. Will viu-o a puxar o computador portátil pelo chão e a abrir estatísticas sobre o mercado agrícola, o impacto histórico do clima extemporâneo e todo o tipo de dados financeiros esotéricos. Era alquímico.

— Falta muito?

— Calma, Will, calma. Isto é extremamente difícil. Quero fazê-lo bem. Se fizermos uma proposta baixa, podemos perder milhões de dólares.

O coração de Will pulava. Tinha demorado cerca de 20 minutos a tornar-se o tipo de pessoa que oferecia carros como presentes de aniversário.

— Quatrocentos e cinquenta — disse Hamza. Deixou cair o lápis na mesa. — Quatro, cinco, zero. É a minha melhor aposta. Digo-te

uma coisa, não há muita gente que seja capaz de te criar estes modelos num par de minutos. O meu cérebro está prestes a sair-me pelos olhos.

Will ficou calado, incapaz de falar por um instante. Pôs as mãos sobre o teclado. Estavam a tremer.

— Essa é a nossa proposta inicial? — acabou por perguntar.

— Não. Esse é o valor que eles têm de pagar se quiserem a informação. Ainda ficam com um lucro chorudo, um lucro incrivelmente chorudo. Eu até tirei uns pozinhos para compensar a relutância deles devido a... bem, devido ao facto de isto ser estranho como o raio.

Will abanou a cabeça.

— Como é que podes ter a certeza? E se isso só servir para os enfurecer?

— Não vai enfurecê-los. Eles têm a mesma informação que eu tenho e são capazes de criar as mesmas projeções. Se souberes como fazê-lo, não é nenhum palpite. É um facto.

» Claro que — acrescentou — provavelmente tiveram de pôr cerca de 30 pessoas a pensar para chegar à mesma resposta.

Will fez força para que as mãos ficassem firmes no teclado.

**Oráculo:** Quatrocentos e cinquenta milhões de dólares. Não haverá mais nenhuma negociação. Este é o preço final e o único que aceitei.

Mais uma vez, uma pausa, mais longa, uma espécie de silêncio de pasmo.

**SWBG:** É um montante considerável. Vamos precisar de algum tempo para reunir esses fundos.

— Caramba — exclamou Will. — Eles aceitaram.

— Claro que aceitaram — respondeu Hamza. — E agora sabem que nós sabemos o que estamos a fazer.



— Eles dizem que precisam de tempo para arranjar esse dinheiro todo. Quanto tempo lhes dou?

Hamza pensou por alguns segundos.

— Setenta e duas horas. Podem liquidar alguns ativos, se tiver de ser, mas o último prospeto de fundos que divulgaram dizia que tinham quase esse valor em contas disponíveis. No entanto, vão precisar de algumas autorizações e outras coisas. Provavelmente, é um pedido válido.

**Oráculo:** Os fundos têm de nos chegar em 72 horas.

**SWBG:** De acordo. Para a mesma conta?

**Oráculo:** Sim. Concluímos o resto do vosso período de entrevista?

**SWBG:** Sim, mas só mais uma coisa. Saiba que, se nos tiver defraudado, faremos uso de todos os recursos ao nosso dispor para o destruir e obter o nosso dinheiro de volta.

Will franziu o sobrolho e olhou furioso para o ecrã do computador portátil. De repente, as mãos deixaram de tremer por completo.

**Oráculo:** Destruir-me? Dez palavras no Site. Não preciso de mais nada. Para vocês ou para qualquer outra pessoa do mundo inteiro. Pensem nisso, otários.

Will pôs fim à entrevista. Achou que o fundo parecia um pouco silencioso depois da última troca de palavras, o que era compreensível. Ele não sabia as respostas para nenhuma das outras perguntas, o que era perfeitamente aceitável. A pressão de responder a outra pergunta podia tê-lo matado.

Fechou o programa de mensagens e olhou para Hamza, que tinha voltado para o cadeirão e estava especado a olhar para o saldo da conta bancária no computador. Parecia aturdido, ou até mesmo um nadinha pedrado.

Will recostou-se no sofá e fechou os olhos.

*Só laranjas, pensou. Fruta, por amor de Deus. Que mal é que poderia fazer?*

## CAPÍTULO 4

O reverendo Hosiah Branson pestanejou para afastar o suor dos olhos e focou-se na jovem mulher à sua frente. Ela olhou para cima e sorriu para ele, os olhos brilhantes de arrebatamento. Não era bonita, mas era honesta e dedicada, o que compensava os traços desengraçados.

Branson sentia as vibrações a apoderarem-se dele. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Uma onda de ruído estático saiu-lhe da boca inerte, na qual a língua parecia ter vida própria. O reverendo endireitou-se e aproximou-se da mulher. Colocou ambas as mãos no seu rosto. As pestanas da mulher fecharam-se de encontro às mãos do reverendo, agitadas com pequenas contrações de tremor.

Um último suspiro e ele empurrou o rosto da mulher para longe no mesmo momento em que deixou de ulular. Desenhou um amplo círculo com os braços até unir as mãos à sua frente. Abriu os olhos.

Os diáconos tinham agarrado a mulher quando ela ia a cair. Ficou aconchegada nos braços deles como um recém-nascido, com os membros afilados e pálidos descaídos com indolência e sem nexo. Branson aproximou-se dela com um sorriso largo e tranquilizador a cobrir-lhe o rosto.

A mulher segurou-lhe a mão com pouca força e o reverendo conseguia senti-la a tremer. Puxou-a para que ela se levantasse.

— Agora vai. Vai e caminha sob a luz de Deus — clamou, com a voz amplificada cem vezes pelo microfone que tinha na lapela.

O rosto da mulher desfez-se num mar de lágrimas submissas, que lhe escorreram sobre o rosto afogado e ofegante. Os holofotes anichados no teto alto acenderam-se de repente e desenharam o caminho que a mulher teria de seguir para voltar para o público. Apareceu uma das irmãs, que deu a mão à mulher e a acompanhou amavelmente até ao seu lugar.

Branson estava cansado. Era um trabalho bom, mas extenuante. Ela seria a última do dia.

Virou-se para o público: milhares e milhares de pessoas, alinhadas em filas desordenadas à frente dele no chão da catedral. Diante dos seus olhos, o movimento era incessante — pessoas a agitar-se, a dançar, a bater palmas, todas dominadas pela gloriosa verdade do Senhor.

O som da multidão, de alguma forma em perfeita harmonia com o canto do coro instalado na tribuna à esquerda do altar, elevou-se e encheu a catedral, o seu belo palácio decorado com vitrais.

Branson ergueu os braços para o teto. O coro manteve um longo acorde e parou de cantar abruptamente. A multidão calou-se num ápice, pronta para o que sabia que ia acontecer: o último sermão do dia.

— O Oráculo — disse ele, a falar devagar, a voz captada e amplificada para toda a catedral pelo microfone na lapela.

Alguns gritos da multidão — de reprovação —, mas sobretudo um silêncio abafado e expectante.

— O Oráculo é um veneno — continuou Hosiah. — Aquela coisa monstruosa a disseminar mentiras pelo mundo através do Site. Estou triste, muito triste. Triste até ao fundo da minha alma, por ver que algumas pessoas de vistas curtas e destituídas de fé têm sido enganadas por este embuste.

Fez uma pausa, tirou um lenço do bolso do peito e limpou a testa. Respirou fundo para ganhar fôlego para a fase seguinte... a explosão violenta e rubescente de fúria que o público esperava.

— Êxodo 20, versículo 5. «Não idolatrarás falsos ídolos, pois Deus não *tolerará* qualquer afeição por outros deuses!»

» Estais a ouvir? Deus exercerá a sua vingança sobre aqueles que venerem aspirantes. É um deus *ciumento*! E com razão, porque ele é o único Deus verdadeiro. E malditos... eu digo *malditos*... sejam os que o desafiam!

— Êxodo 20, versículo 6. «Mas se venerares Deus e lhe obedeceres, ele conceder-te-á amor, atenção e prosperidade em todos os teus dias!»

» O Oráculo é um instrumento do Diabo, ele pode muito bem *ser* o Diabo a atuar na nossa vida quotidiana de uma forma nova e sedutora. O Site... que nos dá mentiras embrulhadas como se de grandes presentes se tratasse. Será de admirar que tantos néscios tenham sucumbido ao plano do Diabo nestes tempos de descrença?

» Mas, apesar de tudo isto, eu tenho esperança, meus amigos. Tenho esperança porque sei que vós, meus soldados de Cristo... vós estais bem equipados para combater aquele astuto charlatão. Já tendes a única arma de que alguma vez precisareis.

Hosiah estendeu o braço para trás e abriu a mão com a palma para cima. Um ajudante colocou um livro com uma capa de pele na mão dele com um vigor que produziu um som rico e farto. Hosiah ergueu para a multidão o livro, cujas letras douradas gravadas na capa brilhavam sob as luzes do palco.

— Precisamente aqui! A Palavra do Senhor! A Bíblia Sagrada!

A multidão manifestou-se com uma sonora aclamação: améns, aleluias e quejandos. Hosiah viu os seus sacristãos a circularem pelas naves laterais com os pratos de esmolas.

— Denunciai o Site. Denunciai o Oráculo, onde e como possais. Sabei que estou convosco nesta luta, como estão todos os nossos irmãos e as nossas irmãs no mundo inteiro. Deus vos abençoe a todos, e eu estarei convosco em breve!

Hosiah acenou com a cabeça para um dos seus diáconos, um homem possante chamado Henry, e Henry e os outros homens colocaram-se rapidamente atrás dele, formando um triângulo no qual pontificava o reverendo. As câmaras de televisão em cada lado do palco repositionaram-se para registar a cena de vários ângulos.

Hosiah levantou os braços em direção ao céu. O reverendo sabia que os diáconos que estavam atrás dele tinham feito o mesmo. Vestiam garridos *blazers* azuis e calças vermelhas, como um pelotão de zuavos franceses. O seu pequeno exército. E ele à frente, destacado, como um general, num ofuscante fato branco, que brilhava mais do que qualquer luz projetada pelos holofotes, o ponto para onde convergia o aparato cénico.

As luzes apagaram-se e Hosiah esgueirou-se rapidamente por uma porta que se encontrava imediatamente atrás dele no flanco esquerdo do palco. Os diáconos seguiram-no. Entrou num corredor comprido e com iluminação suave. A alcatifa era creme-escura e as paredes tinham exatamente o mesmo tom. Logo que a porta se fechou atrás dele — os diáconos ficaram no exterior para se assegurarem de que se mantinha fechada —, o ruído da multidão desapareceu. O corredor era completamente à prova de som. Depois do caos do palco, entrar no corredor era como cair num banho de leite quente.

Branson atravessou outra porta e entrou no escritório ao fundo do corredor. Caiu pesadamente na cadeira atrás da secretária e deixou escapar um suspiro por entre os lábios. Empurrou os óculos para a testa e esfregou a cana do nariz. Deixou os óculos cair de volta ao seu lugar e passou a mesma mão pela cabeça calva. Fez um esgar ao sentir os pingos de suor na palma da mão.

Hosiah consultou o relógio — um modelo barato, o tipo de coisa que se podia comprar numa loja de conveniência. Não convinha ter as câmaras de televisão a mostrarem algo demasiado fino. Inclinou-se sobre a secretária — uma imensidão branca e despojada, como uma massa de gelo flutuante — e esticou o dedo de encontro a um botão embutido no tampo. Pousou o dedo indicador no botão, mas hesitou antes de o premir.

*Vá lá, Hosiah. Arranca o raio do penso, pensou.*

Premiu o botão. O botão cedeu com um clique ligeiro e baixo e, quase imediatamente antes de voltar para a posição original, ouviu-se uma pancada na parede mais distante da secretária.

— Entre — disse Hosiah.

Na parede imaculada abriu-se uma brecha que se alargou até se transformar numa porta, pela qual entrou um homem jovem e extremamente magro. Era o irmão Jonas Block, assistente executivo de Branson. O rosto comprimido e carrancudo encimava um fato preto com gravata a condizer sobre uma camisa branca. A discreta elegância de um agente funerário.

— Em que posso ajudar, reverendo?

O irmão Jonas nunca tivera uma compleição robusta, mas naquele momento apresentava um aspeto verdadeiramente cadavérico, como o de um homem feito de cera de velas brancas. Os olhos não paravam. Ele não era capaz de olhar Branson nos olhos. Um sinal pouco auspicioso.

— Aconteceu, presumo? — perguntou Branson.

— Sim, senhor — disse ele. A boca de Jonas contorceu-se e os olhos viraram-se para Branson, para se desviarem logo de seguida. — A previsão do Site sobre a mulher em Boulder ganhar a lotaria confirmou-se há poucos minutos. Mas isso não é...

Branson bateu com a mão direita no tampo da secretária. Gastara quase 20 mil dólares para tornar o escritório o mais acusticamente neutro possível para um espaço como aquele. Mesmo assim, a palma da mão a embater na secretária parecia um disparo a ressoar na sala.

Rodou a cadeira para virar as costas a Jonas e apoiou o pulso na outra mão. Olhou em redor do escritório, decorado em tons neutros, à exceção de alguns apontamentos de cor distribuídos com bom gosto. Um candeeiro azul, um sofá revestido de seda verde-pálida. Um grande quadro na parede imediatamente atrás da secretária.

Um santuário.

A mão de Branson já estava a começar a doer. Levantou a cabeça e olhou para o quadro na parede. Os olhos semicerraram-se.

Era uma tela de um artista filipino que, com uma aplicação densa de óleos, descrevia uma procissão de penitentes a serem

carregados pelas ruas de Manila num domingo de Páscoa. Todos os anos, algumas pessoas decidiam demonstrar a profundidade da sua fé disponibilizando-se para serem crucificadas. Os verdadeiros devotos pregavam pregos nos pulsos e espinhos na cabeça.

— Reverendo... — disse Jonas, com a voz hesitante. — Isso não é tudo.

— O que mais? — disse Branson, com a voz cansada.

— Sabe que, de vez em quando, aparecem novas previsões no Site... várias de cada vez?

— Sim, claro.

— Foi divulgada uma nova série de previsões logo depois de a previsão sobre a lotaria do Colorado se ter tornado realidade. Apenas três, mas uma delas...

Jonas não acabou a frase.

Hosiah girou na sua cadeira. Bateu com a mão num outro botão na secretária e, sem um som, emergiu um ecrã, seguido de um teclado extensível logo abaixo. Branson sentou-se e premiu algumas teclas para abrir a página inicial da CNN.

Olhou para o ecrã. Um longo instante.

— Reverendo, uma delas... — começou Jonas.

Engoliu em seco, produzindo um coaxo perfeitamente audível no silêncio do escritório, e depois concluiu.

— ... é sobre si.

E era. Mais curta do que a maioria das previsões, apenas uma frase inócua:

23 DE AGOSTO: O REVERENDO HOSIAH BRANSON VAI PÔR PIMENTA NO BIFE.

— Lamento, reverendo — disse Jonas.

Pouco mais de dez palavras, e, no entanto, mudavam tudo. Tudo.



# O QUE FARIA SE CONHECESSE O FUTURO?



Will Dando leva uma vida bastante normal, para alguém com quase 30 anos. Até ao dia em que acorda de um sonho que lhe revela 108 profecias. E esta informação pode bem transformá-lo no homem mais poderoso do mundo. Sabendo estar na posse de algumas informações comprometedoras, decide esconder-se sob o pseudónimo de Oráculo, veiculando uma seleção de previsões através do Site, uma página de Internet que rapidamente se torna viral e desperta a curiosidade de todo o tipo de pessoas e organizações.

Atraídas pelo fascínio de conhecer o seu próprio futuro, milhares de pessoas contactam o Oráculo, mas o Site acaba também por chamar a atenção de grandes empresas, dispostas a pagar milhões pelo acesso exclusivo a uma previsão que as possa beneficiar. Tudo isto obriga Will a confrontar-se com as suas dúvidas. O que fazer com o conhecimento que recebeu? E de onde terão surgido as misteriosas previsões?

Com poucas pessoas em quem confiar, a única hipótese de Will é desvendar o significado oculto das previsões, ao mesmo tempo que tenta sobreviver e evitar uma catástrofe mundial.

«Com *O Ano do Oráculo*, Soule criou algo verdadeiramente especial, tanto um thriller global como um olhar afiado à condição humana moderna. *O Ano do Oráculo* é facilmente uma das melhores estreias que li em anos.»

**SCOTT SNYDER, autor de *Wytches*, *Batman* e *A.D.***

«*O Ano do Oráculo* é como um puzzle, mas, de cada vez que se pensa que é possível prever a imagem final, aparecem novas peças. É um thriller incrivelmente misterioso, que prova que Soule é um mestre não só da banda desenhada, mas também da prosa.»

**CHUCK WENDIG, autor de *Wanderers***

|  |  |
|--|--|
| <b>TOPSELLER</b><br>os livros em primeiro lugar<br>20 20 editora | ISBN 978-989-668-765-6<br><br>9 789896 687656<br>Literatura Fantástica |
|--|--|